

OS ARTIVISTAS: CARLOS SCLiar E CILDO MEIRELES



Exposição inédita e imersiva celebra os 20 anos da Casa Museu Carlos Scliar, em Cabo Frio, RJ

A mostra *“Os Artivistas: Carlos Scliar e Cildo Meireles”* celebra duas décadas da Casa Museu Carlos Scliar e reúne, pela primeira vez, a obra desses dois gênios da arte brasileira. *“O Scliar foi fundamental na minha vida”*, afirma Cildo Meireles sobre o amigo falecido em 2001. Com curadoria de Cristina Ventura, coordenadora da Casa Museu, a exposição apresenta cerca de trinta obras, algumas inéditas, que cobrem um período que vai desde a década de 1940 até 2021.

Trabalhos inspirados na produção dos dois artistas também fazem parte da mostra que tem entrada gratuita até o final do mês de agosto. O projeto é apresentado pelo Governo Federal,

Carlos Scliar, SOS, 1989
Foto: Divulgação

Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro através da Lei Paulo Gustavo.

“A ideia é provocar no espectador um convite à reflexão, instigada pela atualidade das questões tratadas pelos artistas em suas obras – crimes de estado, meio ambiente, guerra, valor monetário, entre outros. Nosso propósito é que o visitante pense sobre o seu papel no mundo de hoje”, diz a curadora Cristina Ventura.



Cildo Meireles, *Zero Cruzeiro*, 1978

Foto: Divulgação

As obras de Cildo Meireles e Carlos Scliar – pinturas, desenhos, colagens, estudos, gravuras, objetos e vídeos – são expostas juntas, como uma grande instalação, sem seguir uma ordem cronológica. De Cildo, estão as notas *“Zero Dólar”* (1984) e *“Zero Cruzeiro”* (1978), a instalação sonora *“Rio Oir”* (2011), o vídeo *“15 segundos”* (2021), em homenagem a Marielle Franco, entre



Carlos Scliar,
Capa da Revista Horizonte, Assine Apelo Paz, 1952

Foto: Divulgação

outras. De Scliar, destacam-se os desenhos *“Levante do Gueto de Varsóvia”* (1957) e *SOS* (1989), além de desenhos e estudos, alguns inéditos, que tratam de temas como a cultura afro-brasileira e o holocausto. *“Sou um grande admirador dos desenhos do Scliar, acho que ele era um desenhista dos mais talentosos do Brasil, verdadeiramente sensível”,* afirma Cildo Meireles.

A matriz da capa da Revista Horizonte, feita por Scliar em 1952, onde se lê *“Assine Apelo Paz”*, também faz parte da exposição. *“A Segunda Guerra Mundial o marcou muito; Scliar foi pracinha e atuou como cabo de artilharia. No período pós-guerra participou ativamente de movimentos como o Congresso pela paz, ocorrido na antiga Tchecoslováquia, e a mensagem trazida na obra é fundamental”,* diz a curadora. Uma reprodução tátil dessa matriz faz parte da mostra para que o visitante possa manuseá-la. Também está na exposição um texto inédito do artista, da década de 1980, narrado pela cantora e compositora Marina Lima. No documento, Scliar expressa sua indignação e cansaço diante da nossa construção histórica. Marina cresceu vendo e

apreciando as obras de Scliar colecionadas por seu pai, “uma imagem afetiva que nunca esqueço”, revela. A gravação foi feita especialmente para a exposição.

Com trajetórias diversas, Carlos Scliar e Cildo Meireles se conheceram em 1966. “A partir do nosso primeiro encontro, quando mostrei meus desenhos, Scliar se interessou em mostrar esses trabalhos para alguns colecionadores; a partir daí praticamente me financiou. Ele sempre foi uma pessoa muito generosa, não só no meu caso, mas também com outros artistas jovens que estavam iniciando. Scliar era uma pessoa de um entusiasmo intrínseco, estava sempre incentivando, sempre apoiando” os outros, conta Cildo Meireles.

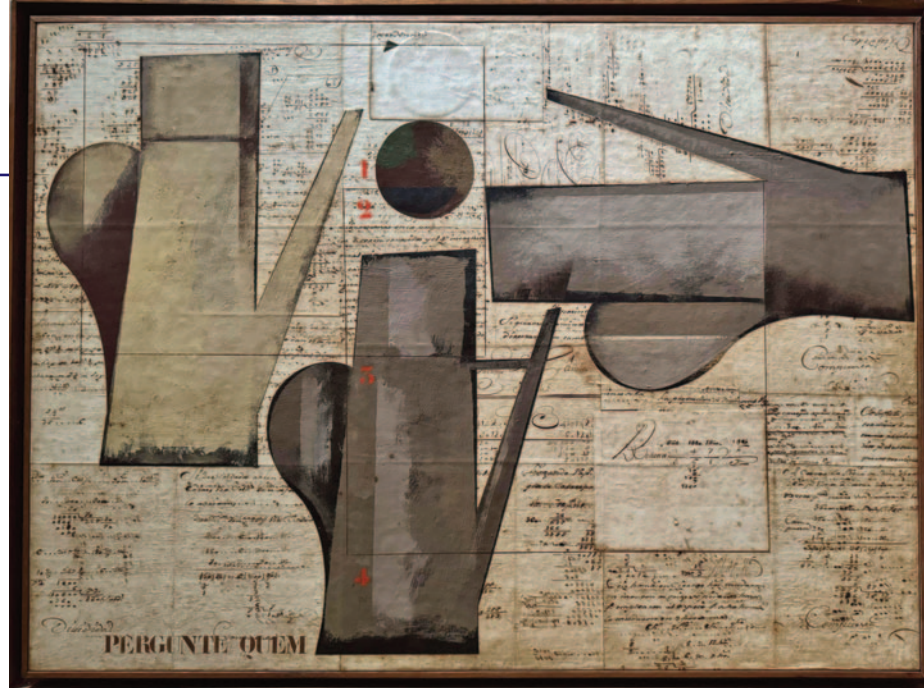
Os dois foram muito amigos durante toda a vida e em diversos momentos trataram de questões similares em seus trabalhos, como no período da ditadura militar. Outras questões também convergem na produção de ambos: a icônica obra “Zero Dólar”, de Cildo Meireles, traz a imagem do Tio Sam, personagem que aparece sobrevoando a Amazônia com asas pretas, como se fosse um urubu, na obra “SOS”, de Carlos Scliar.

PERCURSO DA EXPOSIÇÃO

A mostra começa com uma linha do tempo sobre Carlos Scliar (1920-2001) até o jardim, onde está a grande escultura “Volumes Virtuais”, de Cildo Meireles, doada em 2022 para a Casa Museu. Com seis metros de altura, é a primeira escultura da série feita em metal. Ainda no pátio, estão trechos do projeto inédito do

Cildo Meireles, *Sem título*, 1987
Foto: Divulgação





Carlos Scliar, à esquerda: *Pense*, 1975; em cima: *Pergunte quem*, 1975
Fotos: Divulgação

painel em mosaico projetado para o Brasília Palace, em 1957, a pedido de Oscar Niemeyer (1907-2012), que nunca chegou a ser executado. A obra traz uma homenagem à cultura afro-brasileira, com elementos da religiosidade africana.

Na sala menor, próxima ao jardim, há uma grande caixa em perspectiva, inspirada nas famosas caixas criadas por Scliar, onde o público pode entrar. Nela, estão matérias de jornais onde o artista alertava para questões ambientais, trazendo manchetes como “*A indignação do pintor*”. Em muitos momentos, Scliar aproveitava o espaço na mídia não para falar de sua obra, mas para advertir sobre a forma destrutiva como tratamos o nosso habitat. Na caixa também estão imagens do projeto educativo “*Meu lugar, meu patrimônio*”, onde adolescentes da rede pública de ensino

de Cabo Frio e região falam sobre questões ambientais, em consonância com a fala de Scliar na década de 1980 e o cenário atual.

Dois jogos interativos encontram-se na antessala do salão principal – um ilustrado com a obra de Scliar e outro com a obra de Cildo, além da reprodução tátil da obra “*Assine Apelo Paz*”. No grande salão as mais de vinte obras dos dois artistas estão montadas como uma grande instalação ambientada pela escultura sonora “*Rio Oir*”, de Cildo Meireles, na qual o artista coleta o som de algumas das principais bacias hidrográficas brasileiras, gravadas em vinil. No mesmo espaço está o vídeo “*15 Segundos*”.

O salão principal também exhibe obras que destacam a atuação de Scliar na área gráfica, junto à redação das revistas culturais *Horizonte* (1950 a 1956) e na criação da revista *Senhor* (1959 a 1960), além de trabalhos do período da ditadura que trazem frases como: “*pergunte quem*”, “*urgente*”, “*pense*” e “*leia-pense*”. O texto da

década de 1980 narrado por Marina Lima completa a sala. *“A ideia é que o visitante entre num espaço que o absorva em vários aspectos, seja pelo som da água, seja pelo que está sendo visto ou pelo que não está sendo visto – há uma vitrola girando sem disco, denotando ausência, desconforto”*, diz Cristina Ventura.

Na sala de cinema há a projeção de dois filmes: um de Scliar falando sobre o compromisso das pessoas com as questões do nosso planeta, e o outro de Cildo contando como conheceu Scliar e sua relação com ele. Para completar a experiência, no segundo andar da Casa está a exposição permanente, onde se pode ver o ateliê de Carlos Scliar, que permanece exatamente como ele deixou.

SOBRE A CASA MUSEU CARLOS SCLiar

O Instituto Cultural Carlos Scliar (ICCS) foi criado em 2001, mesmo ano da morte de seu patrono. O processo para criação da instituição foi acompanhado pelo artista, um acordo que fez com o filho Francisco Scliar para manter sua memória. Fundada por Francisco Scliar junto com os amigos Cildo Meireles, Thereza Miranda, Anna Letycia, Regina Lamenza, Eunice Scliar, entre outros conselheiros, a instituição, aberta ao público em 2004, está sediada na casa/ateliê do pintor, em Cabo Frio, Rio de Janeiro. Trata-se de um sobrado oitocentista, com cerca de 1000m², adquirido em ruínas por Scliar, reformado em 1965 para abrigar seu ateliê e ampliado na década de 1970, com projeto de Zanine Caldas.

A casa mantém a ambientação dos espaços deixada por Scliar, com seus objetos pessoais, acervo documental,

bibliográfico, gravuras, desenhos e obras. A coleção resulta da produção do próprio artista ao longo da vida, somada a uma expressiva e representativa coleção de obras originais de grandes nomes do cenário artístico brasileiro do século XX, os amigos José Pancetti, Djanira, Cildo Meireles, Di Cavalcanti, Aldo Bonadei, entre outros.

O acervo conta também com aproximadamente 10 mil documentos datados desde a década de 1930. Fiel ao seu compromisso sociocultural, nos últimos três anos a instituição atendeu mais de mil estudantes do Estado do Rio de Janeiro, em projetos educativos. Em 2023 foi agraciada com o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação Museal, promovido pelo IBRAM.

SERVIÇO

Os Artistas: Carlos Scliar e Cildo Meireles

Até junho de 2025

Casa Museu Carlos Scliar

Rua Marechal Floriano (Orla Scliar), 253, Cabo Frio / RJ

Tel.: (22) 2040-9408 / (22) 98157-4222

Dias/Horários: de terça a sexta das 14h30 às 18h;

sábados das 15h30 às 19h

As visitas serão gratuitas até o final de agosto de 2024

institutoscliar@gmail.com



Cildo Meireles,
Rio Oir,
2011

Foto:
Divulgação